

> Maquete

1. Antigo edifício da Imprensa Régia (Imprensa Nacional) com frente para a Travessa do Pombal (Rua da Imprensa Nacional) e fachada lateral para a Rua Nova da Fábrica das Sedas (Rua da Escola Politécnica)

> Expositor 1

1. *Planta da Imprensa Régia e da Real Fábrica de Cartas de Jogar*, Lisboa, c. 1816

2. *Recueil de planches de l'Encyclopédie, par ordre de matières*. Tome premier. Paris, 1783
[Arts et métiers: Cartier]

3. *O Fabricante de Cartas de Jogar ou o Modo de Fabricar as Cartas de Jogar*, trad. e anot. por J. S. E. Ms., 1802

> Expositor 2

Cartas Portuguesas, c. 1770
1. Baralho (reprod. 2010)
2. Folhas de provas
3. Bloco xilográfico

> Expositor 3

Cartas ditas das «Quatro partes do Mundo» ou «Cartas da Princesa», 1822
1. Baralho (reprod. 2010)
2. Folhas de provas
3. Chapa calcográfica com rótulo de embalagem

> Expositor 4

Cartas ditas «Constitucionais» (1º baralho), 1836
1. Baralho (reprod. 2010)
2. Folha de provas
3. Chapa calcográfica com cartas
4. Chapa calcográfica com rótulo de embalagem

> Expositor 5

Cartas ditas «Constitucionais» (2º baralho), 1836
1. Baralho (reprod. 2010)
2. Folha de provas

Cartas tipo alemão de duas cabeças, ditas «Cartas hamburguesas dos imperadores», 1821
3. Baralho (reprod. 2010)
4. Folha de provas aguareladas

> Expositor 6

1. Baralho (original) do «tipo espanhol», de Lourenço Solésio, primeiro Mestre da Real Fábrica — no dois de copas: «Real Fábrica de Lisboa» (Col. particular)

2. Baralho (original) para truques de ilusionismo — no valete de paus: «Real Fábrica de Lisboa» — 1º quartel do séc. XIX (Col. particular)

3. Pedra litográfica da Litografia Maia, anos 30 do séc. XX (Col. particular)

> Expositor 7

1. *Alvará e Condições da Real Fábrica de Cartas de Jogar*, de 31 de Julho de 1769

2. Recibo assinado por Lourenço Solésio, de 29 de Abril de 1769

3. *Carta de privilégios concedidos à Real Fábrica de Cartas de Jogar*, de 6 de Agosto de 1770

4. Venda de cartas de jogar na Loja da Praça do Comércio, 1770-1772

5. *Caderno da matrícula dos oficiais e aprendizes da Real Fábrica de Cartas de Jogar*, 1769-1811



CARTAS DA REAL FÁBRICA EXPOSIÇÃO INCM



CARTAS DA REAL FÁBRICA

A INCM homenageia o seu passado expondo as réplicas de cinco dos mais famosos baralhos de cartas de jogar impressos na Real Fábrica de Cartas de Jogar, que foi parte integrante da Impressão Régia, antepassada da Imprensa Nacional, acompanhadas de alguns documentos do seu Arquivo Histórico e de baralhos originais cedidos por dois colecionadores particulares.

A história das cartas de jogar em Portugal remonta aos finais do século XV, quando surgem os primeiros registos, e o aspecto gráfico dessas cartas era diferente daquele que é na atualidade, tendo perdurado cerca de quatro séculos, até finais do século XIX.

As cartas daquela época, de provável origem italiana, são conhecidas como «cartas portuguesas» ou «cartas do dragão», pelo facto de os ases os representarem. Os baralhos deste período foram «exportados» para todo o mundo nas nossas caravelas e, no século XVI, eram fabricados pelos japoneses, indonésios e indianos, que os adaptaram às suas culturas.

Nas cartas portuguesas, cujos símbolos pertencem ao grupo dos «naipes latinos», as pintas são representadas por uma moeda para os ouros, um cacete para os paus ou bastos, uma espada para as ditas e um cálice para as copas.

A partir do início do século XIX, as «cartas de tipo português» foram substituídas gradualmente pelo modelo francês, que perdura até aos dias de hoje e é universalmente aceite.

As cartas francesas caracterizam-se por representarem através dos naipes as divisões sociais, sendo copas, o clero, espadas, a nobreza, paus, os camponeses, e ouros, a burguesia.

Apesar de inicialmente ser proibido jogar às cartas, há inúmeros registos que nos deixam imagens curiosas de reis, fidalgos e plebeus a jogar às cartas, conhecendo-se, também, os nomes de alguns fabricantes.

A partir de 1600, com Filipe I, é instituído o *Contrato das Cartas de Jogar e Solimão*, negócio monopolista de fabrico e venda de cartas em todos os territórios do Reino de Portugal, o qual perdurou em mãos particulares até 1769.

Por alvará de 24 de Dezembro de 1768, D. José I determinou a criação da Impressão Régia ou Régia Oficina Tipográfica.

No ano seguinte foi incorporada na Impressão Régia a Real Fábrica de Cartas de Jogar, por contrato ajustado com Lourenço Solésio e aprovado pelo Alvará de 21 de Julho de 1769, passando a ser exclusividade do Estado o fabrico e venda de cartas de jogar. Foram tais os lucros gerados pelo negócio que, durante muito tempo, sustentou a impressão de livros e de impressos de vários ministérios. Em 1800, a Real Fabrica de Cartas de Jogar contava com 29 trabalhadores, que produziam 200 000 baralhos por ano.

Em 1820, o monopólio das cartas de jogar foi extinto e liberalizado o seu fabrico. Em Portugal, poucas são as cartas desta época que subsistiram, existindo, no entanto, em vários museus da especialidade por todo o Mundo.

Atenta ao interesse artístico, histórico e lúdico que as cartas de jogar antigas suscitam, a INCM decidiu reconstituir e comercializar reproduções de baralhos de cartas de acordo com as matrizes depositadas no seu Arquivo Histórico.

A partir das matrizes originais, foram feitas réplicas das «Cartas Portuguesas» (1770), das «Cartas Constitucionais» (1821 e 1826), das «Cartas das Quatro Partes do Mundo» (1822), das «Cartas Constitucionais de Duas Cabeças» (1836) e das «Cartas tipo Alemão» (século XIX), sendo todos os baralhos numerados e acompanhados de certificado de garantia.

